O poder da educação desenvolvida na escola na construção da ética social

Karen Cristinne Gallo Soraji[1]

Resumo: O presente estudo tem por objetivo mostrar a importância de se desenvolver na educação mecanismos e processos para formar moralmente um indivíduo, tendo em vista que a educação moral visa à socialização, ao aperfeiçoamento, à transformação e ao desenvolvimento do ser humano na sua totalidade, favorecendo a busca do viver significativo e a formação de indivíduos com moral e ética elevados, que, para chegarem a esse objetivo, têm a necessidade de aprender o que é respeito mútuo, limite e excelência, estes que deveriam ser primeiramente passados pela família, mas que muitas vezes são os valores humanos colocados diretamente como responsabilidade do professor-educador.

Palavras-chave: Educação. Ética. Personalidade. Moral. Construção. Responsabilidade.

[1] Licenciada em Letras pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Especialista em Psicologia Organizacional. E-mail: <karen_youth17@yahoo.com.br>.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, atenta-se à problemática de que é indubitável a importância da descoberta e compreensão das emoções que estão latentes no ser humano, para que assim o mesmo possa administrar situações variadas com meios de influência e pressão variados e, principalmente, para entender melhor a si mesmo como indivíduo, componente social com valores. Por essa razão, este estudo tem por objetivo pôr em evidência que o trabalho desenvolvido em sala de aula pelo professor-educador, que não deixa de se preocupar com o comportamento moral de seus alunos, mesmo quando não se vê consciente disso, tem um profundo efeito sobre o desenvolvimento moral dos mesmos. Entende-se, então, que se o professor-educador tornar-se consciente de que age dessa maneira e entender a importância de uma educação também voltada para o desenvolvimento do indivíduo como ser integral, este poderá construir uma escola mais abrangente e participativa, fazendo dessa ação um recurso poderoso para o ensino, a aprendizagem, o crescimento pessoal e a educação em si.

Assim, dar-se-ia aos alunos ferramentas importantes para que se tornassem agentes morais. Estar-se-ia educando moralmente o aluno, que tem características individuais, sem deixá-lo esquecer seu papel social e a consequente responsabilidade por seus atos, atos que influenciam a si e aos outros com os quais interage, porque esse que se chama de aluno é um ser social e se tornará, um dia, talvez, alguém responsável por uma empresa, uma família, quem sabe uma comunidade, e por isso torna-se crucial entender como a ética pode ser colocada em prática na vida desse indivíduo. Isso requer não apenas um compromisso sério com a integridade, mas também uma visão dos verdadeiros e diferentes sistemas que se está inserido em diversos momentos da vida, respeitando suas variações.

2. DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Segundo Goleman (1998) a inteligência emocional pode ser definida como a capacidade de um indivíduo se relacionar de forma assertiva e positiva com outros indivíduos, de ter bom astral mesmo nas adversidades, de ter persistência na busca e alcance de objetivos. A inteligência emocional também caracteriza a maneira como cada indivíduo lida com suas emoções e com a dos outros a seu redor. Isso implicaria autoconsciência, motivação, persistência, empatia, entendimento e outras características sociais, como persuasão, cooperação, negociação e liderança.

O que é emoção e qual sua importância?

A palavra "emoção" tem várias acepções correntes. Em Psicologia, é um conceito básico que se refere a um determinado conjunto de fenômenos psíquicos solidamente enraizados no organismo, tanto corporal quanto socioculturalmente.

Krech e Cruchtfield (1973) afirmam que a emoção se refere a um estado de excitação do organismo, apresentando três aspectos, que são a fisiologia emocional, que é configuração fisiológica assumida pelo organismo, a experiência emocional, que é a vivência interna do organismo daquela excitação, e o comportamento emocional, que é a manifestação observável do organismo, o comportamento que apresenta em virtude ou associado àquela excitação.

Não se pode avaliar a importância do saber racional na vida humana sem levar em consideração sua origem emocional, pois o saber racional é mediado, ou seja, é derivado das emoções primárias, aquelas inatas, que são trabalhadas e desenvolvidas até chegarem ao nível de mediação pelo próprio indivíduo.

De acordo com Goleman (1998), ao investigar a evolução humana, os sociólogos concluíram que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a razão, atribuindo à emoção um papel essen-

cial em nossa vida. São as emoções, dizem esses pesquisadores, que muitas vezes nos orientam diante de um impasse e quando temos que tomar providências importantes. Podemos, dessa maneira, verificar a importância de se trabalhar emocionalmente o indivíduo, para que o mesmo se torne consciente de suas decisões e futuras consequências, não ficando a cargo unicamente de seu intelecto.

Segundo Balieiro (2007, p. 02):

> a emoção exerce três papéis fundamentais na existência humana:
> 1. a sobrevivência, dotando o organismo de respostas rápidas e efetivas de defesa contra os perigos e de obtenção de insumos necessários à vida
> 2. a modulação do estado de excitação cortical (tônus cerebral), que é o grau em que os sistemas corticais (responsáveis pelas funções psíquicas superiores, como o raciocínio, o planejamento e a percepção)
> 3. a memória afetiva, ou valoração, que é a etiquetagem dos símbolos com os quais os humanos representam o mundo, definindo regiões de aproximação (desejáveis) e de afastamento
> As emoções primárias, da qual todos os indivíduos de uma espécie nascem dotados, oferece um conjunto de respostas prontas, estereotipadas e, na maioria das vezes, compelidoras, que surgem sem a mediação de funções psíquicas superiores, como o raciocínio simbólico.
> As emoções secundárias, que surgem quando o indivíduo aprende a conter as respostas prontas das emoções primárias e refletir antes de atuar, exigem, portanto, a mediação tanto dos símbolos, que entrarão como elementos da reflexão, quanto da educação, que oferecerá as oportunidades para o aprendizado.

Em outras palavras, para o indivíduo tornar-se competente em conter as respostas prontas, implica e significa refletir antes de agir, ou seja, é um pré-requisito para a atuação moral.

Segundo Gottman e Declaire (1997), pesquisadores citados por Goleman, os pais que se preocupam em educar os filhos para lidar com as

emoções seguem um processo sistemático em que podem ser delineadas cinco etapas, que seriam: perceber a emoção da criança, reconhecer na emoção uma oportunidade de aprendizado ou de intimidade, ouvir com empatia, legitimando os sentimentos do filho, ajudar a criança a encontrar as palavras necessárias para identificar a emoção que ela está sentindo, impor limites à expressão das emoções, ao mesmo tempo em que oferece ao filho a oportunidade de explorar alternativas de estratégias para resolver a situação.

O que Gottman e Declaire propõem nada mais é do que uma estratégia de educação emocional.

3. DA EDUCAÇÃO MORAL

A educação moral é uma ferramenta que quer colaborar com os educandos para facilitar o desenvolvimento e a formação de todas aquelas capacidades que intervêm no juízo e na ação moral, a fim de que sejam capazes de orientar-se de forma racional e autônoma naquelas situações que lhes é apresentado um conflito de valor.

De acordo com Puig (1998b) a educação moral não tem motivo para ser necessariamente uma imposição heterônoma de valores e normas de conduta, mas tampouco se reduz à aquisição de habilidades pessoais para adotar decisões puramente subjetivas.

A respeito do resultados da educação moral como forma de reflexão, Puig (1998b, p. 17) considera os seguintes:

- Detectar e criticar os aspectos injustos da realidade cotidiana e das normas sociais vigentes.
- Construir formas de vida mais justas, tanto nos âmbitos interpessoais como nos coletivos.
- Elaborar autônoma, racional e dialogicamente princípios de valor que ajudem a julgar criticamente a realidade.
- Conseguir que os jovens façam seus aqueles tipos de comporta-

mentos coerentes com os princípios e normas que pessoalmente construíram.

- Fazer com que adquiram também aquelas normas que a sociedade, de modo democrático e visando à justiça, lhes deu.

Desenvolvendo a educação moral: o aprender a entender o mundo

> Estamos acostumados a entender a educação como um processo de aquisição de informação que se converte em conhecimento, em valores, em habilidades e em modos de compreensão do mundo. Trata-se de um processo de aquisição de informação que dá forma humana a homens e mulheres. Essa forma humana é o resultado dos dinamismos adaptativos que regulam a vida, mas também é aquilo que permite a adaptação de cada sujeito à complexidade do meio em que se encontra. Assim, portanto, a educação constrói a forma humana que permite adaptar-se ao meio. (PUIG, 1998a, p. 142).

Observações como essa evidenciam que a educação se inscreve como um requisito indispensável para garantir cidadania e condições para que uma sociedade possa construir um projeto político, econômico e social que garanta uma vida de respeito e dignidade a seus membros, ou seja, uma educação para a vida, desenvolvendo as potencialidades já existentes no ser humano para que o mesmo possa refletir racionalmente sobre a realidade.

Segundo Goleman (1998), a inteligência emocional refere-se à capacidade do ser humano de identificar seus próprios sentimentos e os dos outros, de motivar a si mesmo e de gerenciar bem as emoções dentro de si e em seus relacionamentos, dando a possibilidade de fazer com que essas emoções, sendo identificadas, sejam trabalhadas a seu favor, para que possa usá-las como auxílio para ditar seu comportamento e raciocínio de maneira a aperfeiçoar seus resultados. Trabalhando o conceito de inteligência emocional em sala de aula, os educadores se voltariam para um conceito de uma educação que seja também moral, tornando-se ferramen-

tas importantes para a construção da personalidade, nesse caso, moral e ética de seus alunos.

De maneira indireta, consciente ou não, a escola tem se preocupado com a personalidade moral de seus alunos e, sem perceber, usado a inteligência emocional nessa prática, mas isso vem sendo feito de forma desarticulada. Muitas vezes vemos professores lutando por ideais éticos em sala, ou seja, buscando a formação do indivíduo consciente de suas ações e do papel que cumpre em sociedade. Em contrapartida, depara-se com professores que simplesmente ministram, em suas aulas, nada além do conteúdo programático.

A tentativa de desenvolvimento de uma educação também com parte moral acontece, por exemplo, quando os alunos apresentam práticas e discursos discriminatórios contra outras etnias ou certas deficiências e o professor tenta mostrar-lhes que a elaboração de tais discursos não é aceita pela sociedade neste determinado contexto cultural e/ou histórico.

A política pública de valorização da educação moral calcada em valores de justiça, igualdade de direitos e cidadania para as escolas brasileiras, configurada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, não tem sido colocada em prática e o que sempre se ouve nas rodas de conversa é que a sociedade contemporânea vive uma "crise de valores". Um dos agravantes dessa crise é a instituição da família que também se encontra em crise. Os pais têm papel essencial na construção da personalidade moral de seus filhos, mas, por estarem cada vez mais ausentes da vida dos mesmos, têm exigido e cobrado mais resultados da escola. Tem-se encontrado cada vez mais nas salas de aula indivíduos carentes de atenção e amor, sem parâmetros ou modelos sociais, o que provoca vários tipos de comportamento que dificultam a prática docente e a socialização com indivíduos do mesmo meio.

A formação e conscientização dos educadores para uma educação que aperfeiçoe, transforme e desenvolva o indivíduo em sua totalidade permitiria atingir o objetivo de formar pessoas autônomas e dialogadoras, capazes de aceitar as diferenças individuais encontradas no meio no qual se relacionam, buscando viver num mundo mais igualitário e pacífico. Seriam favorecidas a busca do viver significativo e a formação de indivíduos

com moral, ética e estética elevados, que utilizam sua razão criticamente nas relações interpessoais e respeitam os direitos humanos.

São muitas as razões para a promoção da ética no pensamento empresarial dos últimos anos, meio no qual é se tenta inserir os alunos, os filhos. E segundo Nash (2001), os administradores percebem os altos custos impostos pelos escândalos nas empresas: multas pesadas, quebra da rotina normal, baixa moral dos empregados, aumento da rotatividade, dificuldade de recrutamento, fraude interna e perda de confiança pública na reputação da empresa. Dessa forma, ter a compreensão de que é indiscutível a importância de se desenvolver na educação valores como respeito à vida, cooperatividade social, harmonia, compaixão, amor, alegria, sabedoria e conhecimento pessoal e do meio permite que o educador, em específico, possa dirigir sua ação atento aos aspectos que permitirão ao educando desenvolver-se de uma forma integral, sendo essa ação um modelo que pode orientar pais e educadores em geral para e na construção da personalidade moral desses indivíduos.

4. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE MORAL

Abordar o tema "personalidade moral" na perspectiva de um processo de construção pessoal e coletivo permite destacar o quanto é significativo o enfrentamento de conflitos morais contextualizados, que, segundo Puig (1998a), ocorrem em relação a desejos contraditórios e a esperanças contrapostas que confluem no interior de cada pessoa.

Os conflitos são situações desafiadoras que se apresentam em determinados "meios de experiência moral". Esses meios podem ser entendidos "[...] como elementos ativos com características sociais, culturais e históricas diferentes e, consequentemente, como fatores que afetam de modo específico e diferente o processo de construção da personalidade moral" (PUIG, 1998a, p.153).

Assim, a compreensão do processo de construção da personalidade moral por meio do enfrentamento de conflitos indica a necessidade de apreendê-la a partir dos contextos e situações onde se manifesta.

A observação do fazer pedagógico em sala de aula possibilita destacar a complexidade do processo de construção da personalidade moral dos alunos frente aos elementos que compõem a relação pedagógica – a diferença de idade entre professor e educando, nível de conhecimento, vivência, a autoridade do educador – e, especialmente, frente aos conflitos, visto que, "[...] um mesmo ambiente ecológico pode apresentar experiências de problematização moral diferentes para todos os sujeitos que dele participam" (PUIG, 1998a, p. 161). Pois, ainda segundo Puig (1998a) os meios, mesmo existindo objetivamente, são decodificados pelos sujeitos que os frequentam, de acordo com suas possibilidades, interesses e modos de ser.

Nesse sentido, buscar compreender como os elementos da relação pedagógica se encontram entrelaçados no processo de construção da personalidade moral dos alunos permite significar os conflitos sociomorais e os sentimentos que se fazem presentes na relação professor-aluno.

Transpor e respeitar limites

"Transpor limites" e "respeitar limites" são dois conceitos que La Taille aborda em seu livro *Limites: três dimensões educacionais* (1998).

Para La Taille (1998), o conceito de limite, entendido como "a fronteira a ser transposta", não pode ser dissociado da tendência natural que todo ser humano possui para desenvolver-se e crescer. Assim, durante o desenvolvimento de uma criança até a idade adulta, muitos são os limites a serem transpostos em direção à maturidade. Nesse sentido, educar uma criança é, antes de tudo, não apenas impor-lhe limites, mas "[...] ajudá-la cognitiva e emocionalmente a transpô-los, ir além deles [...]" (LA TAILLE, 1998, p. 15).

Na compreensão de La Taille (1998), a ideia de "transpor limites", entendida no sentido de crescer, ultrapassando etapas até a idade adulta, implica amadurecer. Já a ideia de "ir além" supõe caminhar rumo à excelência.

O processo que permite a conquista da excelência pressupõe maturidade, mas não se restringe a ela. Excelência, conforme escreve La Taille (1998, p. 34), "[...] nada mais é senão procurar ir além de si mesmo, tornar-se melhor do que se é. Digo ser melhor do que se é, não necessariamente ser melhor do que o outro. A excelência implica competição, mas uma competição de alguém consigo mesmo".

A busca pela excelência inclui também o exercício das virtudes morais. Nesse sentido, querer aperfeiçoar-se implica buscar o bem dos outros, exercitando a generosidade, a justiça, a procura pela verdade e os sentimentos de honra e dignidade. As palavras de La Taille (1998) reforçam a ideia de que o caminhar em direção a excelência precisa desafiar os indivíduos nessa busca. Ele escreve que:

> [...] procurar o bem do outro é mais do que apenas evitar atos que o prejudiquem: é dar o melhor de si, é praticar a virtude. Se não roubar é uma coisa boa, ser generoso é ainda melhor. Se não dizer mentiras é uma coisa boa, empenhar-se em ter boa-fé, em procurar a verdade, é ainda melhor. Se não ferir é uma coisa boa, ser doce é ainda melhor. E assim por diante. A moralidade não pode dispensar as virtudes (LA TAILLE, 1998, p. 48).

O conceito de limite, compreendido sob um enfoque restritivo, ao contrario do anterior, impõe ao indivíduo barreiras físicas ou normativas que impedem a ação de transpor fronteiras que conduzam ao crescimento e a excelência.

Os limites físicos, na opinião de La Taille (1998, p. 52), "[...] colocam a dimensão do *impossível,* os limites normativos colocam a dimensão do *proibido*". Esses últimos são criados com a intenção de restringir a liberdade individual em detrimento de valores sociais.

La Taille (1998) afirma que a colocação de limites em sua dimensão restritiva é necessária em qualquer processo educacional desde que a proibição recaia sobre a ação e não sobre o sentimento da pessoa.

Outra questão de La Taille (1998) diz respeito à legitimidade de um limite restritivo. Para ele, a legitimidade de uma proibição precisa ser pensada, primeiramente, visando ao "[...] bem-estar" e ao "desenvolvimento dos indivíduos" para, somente depois, visar ao "bem-estar dos outros membros da sociedade" (LA TAILLE, 1998, p. 57).

Nesse sentido, La Taille (1998) propõe que os limites restritivos não podem impedir as pessoas de "viver" como também precisam que os outros "possam viver".

Em outras palavras, a imposição de limites precisa respeitar a "felicidade pessoal" e a "felicidade dos outros" (LA TAILLE, 1998, p. 57).

Segundo o autor, respeitar a "felicidade pessoal" não significa deixar que o indivíduo tenha toda a liberdade para fazer o que deseja em nome de que isso lhe traga felicidade. Para ele, impor limites sem restringir o direito a viver precisa de um equilíbrio que passa pela compreensão do conceito de liberdade e de responsabilidade.

Dessa maneira, para La Taille (1998, p. 76):

> Não se trata de negar liberdade, mas de ensinar paulatinamente a usufruí-la. Dizer ao filho: "Eu lhe dou a liberdade de tentar, de experimentar, mas estou aqui para conversar sobre sua decisão, para ajudá-lo, para conversar sobre o que acontecer, para pensar junto com você, para ajudá-lo se não der certo ou se você mudar de ideia" é prova da genuína generosidade que todo pai deveria ter. E tal atitude não significa não colocar limites. Pelo contrário, significa "marcá-los", pois dá ao jovem a ideia de que todas as decisões têm conseqüências, só que essas serão, num primeiro momento, apenas analisadas e ainda não realmente sofridas.

Permitir que outras pessoas vivam felizes ou "deixar viver" são expressões que precisam ser compreendidas por quem educa. Conforme La Taille (1998), a concepção do "deixar viver" não pode ser vista como

descaso em relação aos outros. Na grande maioria das vezes, transforma-se em justificativa para a falta de generosidade, de cooperação, de solidariedade, de tolerância e de compromisso que precisamos ter com o meio onde vivemos e convivemos. Para ele, o "deixar viver" envolve o cuidado que devemos ter para não violentar e atrapalhar os outros, desrespeitando seus modos de ser e viver.

Nesse sentido, La Taille (1998, p. 82) destaca que "A educação pode, e muito, ajudar à criança nessa empreitada, especialmente ensinando-a pensar sobre seus sentimentos e os dos outros".

Se a educação desempenha um papel significativo na conquista do "deixar viver", convém perguntarmos: que tipo de educação possibilitará essa conquista?

La Taille (1998) acredita que uma educação que possua um caráter autoritário, cuja moral é conduzida pela imposição de normas, pela obediência incondicional a elas, em que não há a possibilidade de reflexão e de argumentação sobre as ações e os sentimentos e em que o respeito estabelecido entre as pessoas é o respeito unilateral, dificilmente ajudará os indivíduos a superarem a heteronomia que, segundo Puig (1998a), seria a relação de respeito unilateral, baseado na desigualdade entre o adulto e a criança e essa relação conduz ao sentimento do dever e da obrigação.

Segundo La Taille (1998), o tipo de educação que poderá contribuir para a aprendizagem do "deixar viver" será aquela que oportunizará às crianças conquistar condições que as ajudem no alcance da autonomia.

O referido autor entende que "[...] é preciso fazer com que as crianças participem de atividades nas quais possam decidir, entre elas, as regras de seu convívio. A esse tipo de atividade, Piaget chamou de cooperação" (LA TAILLE, 1998, p. 103).

A cooperação é fator fundamental para a construção da autonomia, seja ela intelectual ou moral. Na cooperação, os acordos e as regras são construídos conjuntamente. Essa construção coletiva permite aos indivíduos exercitarem o diálogo e a reciprocidade. Na prática da cooperação, o respeito unilateral é substituído pelo respeito mútuo, que permite a construção da tolerância, outra condição necessária ao "deixar viver". Dessa

forma, conforme La Taille (1998, p. 114), é necessário "[...] compreender que o respeito inspirado pelas regras cooperativamente construídas provém do fato de que, ao respeitá-las, o sujeito respeita a sua obra e, por conseguinte, respeita a si mesmo".

Compreendendo conflitos

O autor refere-se aos conceitos de "transpor limites" e de "respeitar limites" como sendo os dois lados de uma mesma moeda. Diz ele: "[...] frequentemente, é a mesma pessoa que não transpõe os limites a serem superados e que atravessa aqueles a serem respeitados" (LA TAILLE,1998, p. 51).

Alguns professores alegam não terem espaço e tempo em suas aulas para, além da matéria curricular, ainda terem de trabalhar a educação moral Muitos ainda consideram esse binômio currículo/formação moral incompatível.

É preciso que fique claro que, neste presente artigo, não é defendida a existência de aulas específicas de educação moral, com professores especialmente habilitados para essa função. Não se trata de mais uma disciplina a ser incorporada ao currículo, e sim de um trabalho interdisciplinar, integrado ao dia a dia da sala de aula, aproveitando as circunstâncias da vida dos alunos e da sociedade em que vivem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Puig (1998b, p. 17), uma pessoa competente moralmente consegue elaborar princípios de valor que ajudem a criticar aspectos injustos da realidade, construir formas de vida mais justas tanto pessoal como coletivamente, fazer seus papéis e comportamentos coerentes com os princípios e normas que social e pessoalmente construíram visando à justiça, pensando antes de agir, ou seja, ideia também trabalhada por Ba-

lieiro (2007, p. 03): "[...] conter as respostas prontas das emoções primárias e refletir antes de atuar [...]".

Considerando essa ideia, torna-se necessário abrir espaços para refletir sobre os desafios que se apresentam à educação, de forma que possam contribuir na construção de personalidades morais: cidadãos ativos, pensantes, críticos, solidários, abertos ao diálogo, criativos, responsáveis e éticos. Dessa maneira, é preciso que os colégios e os cursos de formação de professores:

– busquem alternativas para trabalhar na construção moral dos alunos. Para isso, os guias morais precisam ser construídos através da elaboração de um projeto coletivo de trabalho (Puig, 1998), que não sejam impostos e sim, que sejam capazes de permitir o exercício de procedimento da consciência moral que contribuam com a compreensão e superação dos conflitos por meio de ações produzidas a partir do diálogo, do conhecimento de si e dos outros, do respeito às diferenças, da tolerância, da generosidade, da sensibilidade e da liberdade de expressão;

– recuperem os significados da palavra "limites". É da compreensão e da tomada de consciência desses conceitos que se abrem possibilidades para os professores, os alunos e a comunidade escolar trabalharem, por meio de ações significativas, os conflitos que surgem. A ideia de trabalhar os conflitos convida à construção de uma relação pedagógica em que professores e alunos compreendam que a construção das possibilidades para "superar limites" e "respeitar limites" (LA TAILLE, 1998) precisa considerar sempre o conhecimento de si e o reconhecimento do outro. Isso significa reconhecer a si e ao outro ao mesmo tempo como "igual" e "diferente", como também implica relações interpessoais construídas a partir de sentimentos de reciprocidade, de cooperação e de respeito mútuo. O exercício do respeito mútuo permite aos professores e alunos a construção de uma relação comunicativa.

A educação moral trabalha com os valores humanos e esses valores fazem parte do ser e da vida, em todas as circunstâncias.

REFERÊNCIAS

BALIEIRO JUNIOR, A. P. **Apostila de Psicologia Geral**. Franca: Curso de Psicologia Geral, Instituto Agostiniano de Filosofia, 2007.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional, a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 45. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

GOTTMAN, J.; DECLAIRE, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KRECH, D.; CRUCHTFIELD, R. **Elementos de psicologia**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1973.

LA TAILLE, Y. **Limites:** três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 1998.

NASH, L. L. **Ética nas empresas**. São Paulo: Makron Books, 2001.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1972.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática. 1998a.

_____. **Ética e valores:** métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998b.

ROKEACH, M. **Crenças, atitudes e valores:** uma teoria de organização e mudança. Rio de Janeiro: Interciência, 1981.

SASTRE, G.; MORENO, M. **Resolución de conflictos y aprendizaje emocional**. Barcelona: Gedisa, 2002.

WEIL, P. (Org.) **Rumo à nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

Title: The power of the developed education at school in order to build social ethics.
Author: Karen Cristinne Gallo Soraji.

ABSTRACT: This project aims at showing the importance of developing mechanisms and processes as tools to morally educate an individual bearing in mind that moral education seeks for socialization, enhancement, transformation and development of the human being as a whole, favoring the pursuit of a meaningful way of living and the formation of an individual with high moral and ethical principles and values, that to achieve this goal have the need of learning what is mutual respect, limit and excellence, things which should be transmitted firstly for the family, but that if several times are the human values directly set up as responsibility of the educator-teacher.
Keywords: Education. Ethics. Personality. Morality. Development. Responsibility.